



Produtividade pós-IA: o que realmente mudou nas empresas brasileiras

Com dados, governança e times preparados, empresas saem do hype e começam a capturar ganho real de eficiência e qualidade no dia a dia

Adoção de IA deixou de ser promessa e já aparece nas estatísticas: entre 2022 e 2024, o percentual de indústrias que utilizam inteligência artificial no Brasil saltou de 16,9% para 41,9%, segundo levantamento oficial do IBGE divulgado pela Agência Gov, evidenciando um movimento acelerado de digitalização e automação no país.



Imagem: CANVA

Para Alexandre Abdalla, CEO da PPM Education, a produtividade pós-IA não vem da ferramenta em si, mas do alinhamento entre processos, cultura de aprendizagem e métricas. Quando há governança, priorização por valor e revisão humana, os ganhos aparecem: ciclos mais curtos, menos retrabalho e melhor qualidade nas entregas.

O primeiro avanço palpável está no fluxo de trabalho. “A IA reduz tarefas repetitivas e libera tempo para análise e decisão, mas o ganho só aparece quando há limite de trabalho em progresso, critérios claros de pronto e uma fila priorizada por valor”, explica. Em termos práticos, empresas que combinaram automações com gestão visual e cadência de checkpoints reduziram tempo de ciclo

e revisão, especialmente em atendimento, risco e backoffice. Estudos globais reforçam o cenário: o uso de IA no trabalho praticamente dobrou e vem gerando valor mensurável em várias áreas, segundo pesquisas recentes.

Neste contexto, além de convergência entre áreas, governança clara e conexão contínua com o cliente, vale incorporar um modelo ágil com squads inteligentes que utilizem IA no dia a dia da construção e da inovação de produtos e serviços. Ao combinar ritos enxutos, responsabilidades bem definidas e automações orientadas com dados, esses times aceleram hipóteses e encurtam o caminho entre ideia, validação e entrega de valor.

Outra mudança relevante é a qualidade das entre-

gas. Modelos generativos ajudam em alternativas de design, rascunhos e testes de hipóteses; contudo, sem governança e revisão humana, os ganhos se perdem. “Produtividade responsável é ter políticas claras, trilhas de capacitação, revisão por pares e indicadores de precisão. É assim que a tecnologia deixa de ser risco e vira resultado”, comenta.

Do ponto de vista estratégico, as companhias que mais avançaram migraram do projeto isolado para o financiamento por produto e fluxo de valor, com metas orientadas a outcomes. “OKRs conectados ao cliente, e não ao volume de entregas, mudam o comportamento dos times. A IA, nesse arranjo, vira alavanca para reduzir o esforço do cliente e aumentar o valor

capturado”, avalia o especialista. Setores expostos à automação e análise preditiva têm registrado ganhos mais rápidos de produtividade, um padrão observado também em pesquisas internacionais.

No Brasil, os desafios persistem. Falta de mão de obra qualificada, integração de sistemas e excesso de dashboards pouco acionáveis atrasam ganhos consistentes. Para Abdalla, a resposta passa por formação e foco: “Menos relatórios, mais leitura de tendência; menos ferramentas desconectadas, mais responsabilidades claras sobre dados. Capacitação contínua é a ponte entre potencial e resultado”, pontua o professor.

Para 2026, a tendência é de consolidação. Levantamentos recentes indicam que a busca por produtividade segue como objetivo principal da adoção de IA, ao lado de inovação de produtos e redução de custos operacionais, mensagem que é prioridade na agenda de líderes e conselhos. “Quem tratar IA como infraestrutura de negócio, com métricas e governança, vai competir melhor em custo, prazo e qualidade. O resto ficará no piloto eterno”, conclui o estrategista digital Alexandre Abdalla.

Negócios & Carreira



Fabiana Monteiro (*)

Bernar Campos – Vice-presidente na Strata Engenharia: De Recife ao Mundo, um Trajeto de Inspiração e Resultados

Engenheiro por vocação e líder por convicção, traduz a força da vontade em resultados que ultrapassam fronteiras

Certa vez, um mentor deu a Bernar Campos um conselho marcante: “*mantenha a sinceridade em todas as circunstâncias e jamais tome decisões em momentos de tensão.*” Esse ensinamento o acompanhou ao longo da vida e continua guiando suas escolhas. Se pudesse aconselhar o jovem que foi aos 17 anos, diria a ele para confiar em seus ideais e seguir com determinação o caminho escolhido.

Nascido em Recife (PE), filho de mãe mineira e pai pernambucano — empresário e escritor com mais de dez livros publicados —, Bernar cresceu em um ambiente que valorizava o conhecimento e a criatividade. Aos 11 anos, mudou-se para Goiânia (GO), onde iniciou os estudos em Administração de Empresas e, posteriormente, graduou-se em Engenharia Civil, motivado pela vontade de atuar em projetos que unissem propósito e resultados. Hoje, divide essa trajetória com sua esposa e dois filhos, de 17 e 14 anos, que considera sua maior inspiração.

Sua carreira começou em 2003, em empresas privadas, e dois anos depois ele ingressou na **Agetop (Agência Goiana de Transportes e Obras)**, onde atuou em campo, projetos e gestão, consolidando uma base técnica sólida. Em 2008, recebeu o convite para integrar a **Strata Engenharia**, mudando-se para Belo Horizonte. Desde então, percorreu uma trajetória de crescimento constante até assumir, em 2018, a vice-presidência da companhia. Atualmente, lidera uma organização com mais de 2 mil profissionais, presente em 18 estados brasileiros e três países da América do Sul.

Para Bernar, **excelência, empatia, autenticidade e comunicação clara** são atributos indispensáveis a qualquer liderança. Durante a pandemia, reforçou ainda mais sua crença na resiliência e na adaptabilidade — virtudes que se tornaram essenciais no cenário corporativo. Ele acredita que liderar é inspirar pessoas a compreenderem o propósito do que fazem, pois, quando a equipe entende o “porquê”, surge o engajamento genuíno.



Bernar Campos.

Na Strata, Campos promove um ambiente colaborativo, baseado em reconhecimento, planos de carreira e oportunidades de crescimento que fortalecem o senso de pertencimento. Com o apoio de ferramentas de integração, como o **TOTVS**, a empresa mantém uma comunicação estruturada e eficiente, capaz de conectar todas as áreas e otimizar processos.

Nos momentos de maior pressão, Bernar encontra equilíbrio na fé, fonte que sustenta sua motivação e o mantém focado no propósito de construir algo que ultrapasse o tempo. Entre suas referências de liderança, estão **Jesus Cristo, Mahatma Gandhi, Winston Churchill e Steve Jobs** — personalidades que, segundo ele, representam a essência da liderança baseada em exemplo e coerência entre valores e atitudes.

Visionário, ele vê a **inteligência artificial** como uma aliada e não como substituta do ser humano. À frente de projetos de Pesquisa e Desenvolvimento, lidera iniciativas que utilizam IA para otimizar operações e ampliar resultados, sem perder de vista o protagonismo humano. Para Bernar, o conhecimento e a ética devem permanecer como o eixo central de qualquer avanço tecnológico.

Ao refletir sobre sua jornada, costuma resumir sua filosofia em uma frase: “**Força de vontade com sucesso**”. Acredita que tudo o que se entrega ao mundo retorna de alguma forma, e que o verdadeiro legado é aquele que inspira, eleva e transforma.

Leituras que o inspiram:

Iacocca: An Autobiography – Lee Iacocca
O Homem sem Qualidades – Robert Musil
Sapiens: Uma Breve História da Humanidade – Yuval Noah Harari

(*) Chairman, CEO da Editora Global Partners - Affiliated to Institute of Coaching at McLean Hospital, associate Harvard Medical School - (ICPA).
Conselheira de empresas.

Disaster Recovery: mais do que proteção, é preciso agilidade

Sthevo Batista (*)

Hoje, a informação é o ativo mais valioso de uma empresa. Nesse sentido, qualquer tipo de falha ou imprevisto pode causar prejuízos severos para o negócio. Como prova disso, de acordo com o Gartner, uma hora de inatividade pode custar mais de US\$ 100 mil para uma organização. Diante deste contexto, garantir que a organização esteja preparada para lidar com imprevistos é, sem dúvida, a melhor alternativa – algo que pode ser obtido por meio do Disaster Recovery.

O conceito é um conjunto de técnicas e processos que garantem a rápida retomada do acesso e das funcionalidades de toda a infraestrutura de TI, após situações adversas, que podem ser causadas tanto por falhas sistêmicas, ataques cibernéticos, quanto por desastres naturais – que devem se intensificar cada vez mais devido às mudanças climáticas.

Em um cenário de imprevisibilidade, o Disaster Recovery deixou de ser um “luxo” e se tornou um elemento vital para as organizações. Afinal, além dos prejuízos financeiros, empresas que têm as operações comprometidas por erros e falhas acabam sofrendo impactos na marca, perdendo a confiança e a credibilidade no mercado.

No entanto, mesmo que a conscientização sobre a importância de estar prevenido venha ganhando força, ainda assim, não é incomum ver empresas

que não possuem um time técnico de TI preparado. Em muitas vezes, o grande desafio na hora de implementar esse conjunto de ações que permitem um rápido retorno das atividades, está na falta de conhecimento sobre a sua aplicação prática.

Outro obstáculo que inibe muitas empresas de darem esse passo para uma maior proteção é o pensamento errôneo sobre o ROI: “como vou obter o retorno do investimento?”. Ao invés desse questionamento, a pergunta correta deveria ser: “o quanto eu vou perder por não ter um plano de ação?”.

Se antes investir em recursos de tecnologia era algo inacessível, atualmente, essa realidade é diferente. Hoje, já existe uma gama de ferramentas e sistemas por um custo totalmente acessível. Entretanto, a falta de compreensão sobre a importância e a urgência de se prevenir para futuros imprevistos é o que faz com que as empresas, principalmente no Brasil, fiquem vulneráveis.

Segundo uma pesquisa realizada pela Grant Thornton e pela Opice Blum Advogados, 79% das organizações brasileiras se dizem mais expostas a ataques cibernéticos. Todavia, projeções feitas pela Mordor Intelligence mostram que o nosso país representa o maior mercado em cibersegurança da América Latina.

Na prática, os exemplos acima ajudam a ilustrar o seguinte fato: de nada

adianta investir em proteção sem ter um plano de contingência para cenários adversos. O Disaster Recovery se posiciona como mais um elemento para garantir que a empresa tenha um direcionamento para recuperar o controle das operações de forma rápida, efetiva e, sobretudo, segura.

Certamente, ao apresentarmos esse conceito como mais um item indispensável nas rotinas organizacionais, brilham os olhos. Porém, para que o plano tenha sucesso, é crucial que todo o planejamento seja feito a partir da avaliação e do mapeamento de riscos na hora de implementar boas práticas. Sendo assim, é essencial contar com o apoio de uma equipe especializada e com ferramentas altamente preparadas para proteger os dados, realizando backups diários, a fim de garantir que todas as informações das operações estejam protegidas.

É importante salientar que todo o investimento feito de forma antecipada elimina a necessidade de fazer gastos emergenciais, algo que, por si só, já mostra os ganhos financeiros. À medida que as empresas passam a operar no ambiente digital, todo cuidado é essencial. Por isso, o Disaster Recovery é mais uma abordagem que deve fazer parte da rotina organizacional. Afinal, mais do que estar pronto, é preciso ter agilidade na hora de solucionar os problemas.

(*) Diretor da SPS Tech –
(<https://www.spsgroup.com.br/>).

